

RESSIGNIFICAÇÃO DO ENVELHECIMENTO: CORPO E PODER

Mestre Francisca Alves da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
happyney@hotmail.com

Este artigo objetiva discutir alguns movimentos de força e poder que ressignificaram a representação da velhice e sua relação com o corpo. Em nossa sociedade ocidental e capitalista acontecem algumas práticas culturais com valores depreciativos sobre o sujeito velho. Essas práticas causam forte impacto tanto na aceitação do idoso quanto na sua condição de velhice, como na projeção do jovem em relação ao seu próprio envelhecimento. Essas práticas culturais que depreciam o velho, bem como, as práticas que contrapõem essa depreciação como a adoção dos termos terceira idade e idoso, ocorrem em sociedades capitalistas e nas ditas socialistas e está relacionado ao modo de funcionamento do capitalismo na contemporaneidade.

Tais práticas se acentuaram a partir da Revolução Industrial, acontecimento que também contribuiu para a proliferação de discursos que depreciavam o ser velho. Esse quadro contribuiu para que se tomasse a velhice como uma fase inativa da vida, provocando o isolamento do idoso. Tal situação se constituiu em um marco para que a cultura contemporânea tomasse a velhice como um problema social e exigisse do Estado políticas de transformação dessa realidade.

O capitalismo dos séculos XVIII e XIX supervalorizava os jovens em detrimento dos idosos, justamente pela capacidade produtiva que possuíam. Conforme Peixoto (2006) é a partir da década de 1960 do século XX com as novas políticas para a velhice que ocorre uma mudança estrutural, pois o valor da aposentadoria aumenta e os idosos passam a ganhar prestígio, além de melhores condições de vida que contribuiu para o aumento da longevidade. Essas mudanças fizeram com que a velhice entrasse na pauta dos discursos econômicos, políticos e sociais na atualidade. A partir daí, ações políticas foram e são tomadas para lidar com a grande quantidade de idosos presentes na sociedade. O *Estatuto do Idoso* é um exemplo disso, inscrevendo-se na pauta dos discursos sociais que, além de garantir os direitos do sujeito idoso, apresenta uma velhice ativa.

Sabemos que o discurso não é neutro, ele nasce como resposta a um discurso já existente, seja para negá-lo, confirmá-lo ou lhe acrescentar outros ditos. Como diz

Orlandi (2006, p. 33) “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”. O que é dito no *Estatuto do Idoso* sobre ser velho dialoga com outros dizeres da velhice numa relação opositiva ou afirmativa. Na sociedade atual temos uma dialética entre os discursos que apontam o idoso como inutilidade ou como sujeito ativo. É a este último que o discurso do *Estatuto do Idoso* está associado.

Com as mudanças na maneira de conceber o sujeito velho, foram disseminados novos termos para se referir a essa categoria social como “idoso”, “terceira idade” que segundo Debert (2006) é uma criação contemporânea, tudo isso impulsionado por uma nova ordem social na qual a velhice está sendo ressignificada. Os discursos contemporâneos sobre a velhice produzem a imagem de um idoso ativo, para quem a idade cronológica não define seu papel social ou sua imagem física.

A idéia de perdas vem sendo substituída pela concepção de que a velhice é um momento para se buscar a satisfação pessoal, a realização de projetos antes abandonados. A criação da terceira idade está relacionada a essa nova maneira de ver o envelhecimento bem sucedido e com qualidade de vida. Isso implica, de acordo com Barros e Castro (2002, p. 121), “na circulação da idéia de um velho identificado como fonte de recursos – autônomo, capaz de respostas criativas frente às mudanças sociais, disponível para ressignificar identidades anteriores, relações familiares e de amizade”.

As novas maneiras de se referir ao velho quebram estereótipos de improdutividade, abandono, solidão e incapacidade, são frutos de forças políticas, econômicas e sociais que vêm no crescimento populacional dos aposentados um novo grupo consumidor em potencial. As estratégias de mercado são muitas, temos universidades para terceira idade, grupos de convivência e uma série de outros bens e serviços oferecidos.

Passando a abarcar setores com níveis mais altos de aspirações e de consumo, a aposentadoria deixa de ser uma forma de assegurar apenas a velhice dos mais pobres. Um contingente cada vez mais exigente e mais jovem de aposentados será objeto da ação de agências que se especializaram na gestão da aposentadoria. (DEBERT, 2004, p. 59).

A gestão da velhice, a adoção de termos como terceira idade, meia-idade, aposentadoria ativa, melhor idade, para se fazer alusão ao intervalo entre a idade adulta e a velhice avançada tornou-se o momento em que a pessoa deve realizar algum sonho que durante a juventude não foi possível, tornou-se um período positivo da vida do sujeito que com

mais tempo para viver e já tendo trabalhado muito, pode agora aproveitar essa fase da vida para viagens e projetos adiados.

A transformação do envelhecimento em um mercado de consumo é acompanhada justamente por essas mudanças de discurso.

A criação de uma nova linguagem em oposição às antigas formas de tratamento dos velhos e aposentados: *a terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa se opõe a aposentadoria*; o asilo passa a ser chamado de centro residencial, o assistente social de animador social e a ajuda social ganha nome de gerontologia. Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer”. (DEBERT, *grifos nossos*, 2004, p. 61).

Essa mudança na maneira de tratar o envelhecimento, sua transformação em mercado de consumo possibilita duas constatações. Por um lado, o corpo é visto como pura plasticidade, sendo dessa forma dever de todos se manter jovens, o mercado biotecnológico oferece várias tecnologias para isso: cirurgias plásticas, cremes anti-sinais, reposição hormonal, entre outras alternativas. Por outro lado, os especialistas em gastos públicos transformam o envelhecimento em problema nacional, na medida em que as projeções sobre os custos, em longo prazo, da aposentadoria e da assistência médica na velhice, comprometem o sistema.

Uma maneira de evitar a falência do sistema financeiro e previdenciário é essa transformação da velhice em momento de atividade. A aposentadoria é adiada, o sujeito é convidado a entrar em forma, a manter-se jovem, a cuidar de si mesmo, a velhice é apresentada como responsabilidade individual, é o que Debert (2004) chama de “reprivatização da velhice”. A mídia tem grande participação nesse processo em que a velhice transforma-se em responsabilidade de um eu.

Assim, nessa nova configuração da velhice, ativa e feliz, o idoso tem assegurado seus direitos através do Estatuto e é convidado a manter seu corpo jovem e saudável.

1.CORPO E DISCIPLINAMENTO: "FIQUE NU... MAS SEJA MAGRO, BONITO, BRONZEADO!"

Em *vigiar e punir*, Foucault afirma que na época clássica houve a descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Falando sobre as prisões, as instituições disciplinares, o filósofo assegura que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no

interior de poderes muito apertados, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2008, p. 118).

Esses poderes estão dentro de uma relação de saber/poder que atua sobre o corpo em sociedade. Exerce-se sobre o corpo, o marca, o personifica, o faz tornar-se reconhecível de longe. É assim, por exemplo, que acontece com o corpo do soldado no início do século XVII, descrito por Foucault (2008, p. 117):

Seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia; e se é verdade que deve aprender aos poucos o ofício das armas – essencialmente lutando – as manobras como a marcha, as atitudes como o porte da cabeça se originam, em boa parte, de uma retórica corporal da honra.

Essa fabricação do soldado é um exemplo da produção de corpos dóceis. Para Foucault, um corpo dócil é um corpo que pode ser submetido, utilizado, aperfeiçoado e transformado. Esse processo de docilidade dos corpos é exercido pelas disciplinas que agem sobre o corpo detalhadamente, em gestos e atitudes. As disciplinas são “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2008, p. 118).

É a partir dos séculos XVII e XVIII que as disciplinas se tornaram fórmulas gerais de dominação. O poder disciplinar é um poder de dominação que opera diferente do poder da escravidão, da domesticidade. Nesse momento histórico das disciplinas nasce uma arte do corpo humano. Segundo Foucault (2008, p. 119), essa arte visa à formação de uma relação que com o mesmo mecanismo tanto torna o corpo mais obediente como o torna mais útil. “Formar-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo”.

Surge assim uma “anatomia política, “uma mecânica do poder” que age sobre o corpo para que esse aja como se quer, usando as técnicas que se deseja, com a eficácia e a rapidez desejada. “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 2008, p. 119).

Essa ação sobre o corpo resulta num movimento complexo dentro das relações de poder. A consciência do próprio corpo só é possível pelo investimento no corpo pelo poder. A prática da ginástica, musculação, nudez, exaltação do corpo belo induz ao despertar do desejo pelo próprio corpo que é resultado do exercício do poder, num trabalho detalhado e meticuloso, sobre o corpo dos soldados, das crianças, dos jovens, dos velhos.

O poder a que Foucault se refere não é um poder centrado, estatal. É um poder que está em toda parte e emana de todos os lugares. O poder não favorece só um grupo, uma instituição, ele pode ser usado para ataque e contra-ataque. O poder é uma correlação de forças que circulam, flutuam, se movem. “o poder não é uma instituição, uma estrutura, uma lei universal: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (Foucault, 2001, p.89).

E esse poder ou micropoderes atua sobre o corpo individual, sobre o corpo social de diferentes maneiras, em diferentes épocas.

2. O CORPO: DA DISCIPLINA AO BIOPODER

Michel Foucault ao fazer uma genealogia do poder, observou que esse sofre mutações devido a relações de forças existentes em cada época. Foucault nos mostra que o desenvolvimento do poder apresenta diferentes sociedades. A sociedade de soberania, em que esse poder era exercido por um soberano que tinha domínio sobre a vida e a morte do indivíduo e a sociedade disciplinar em que o poder era exercido por instituições como as prisões, cuja ação era sobre os corpos dos indivíduos.

Na soberania política, o rei detinha o poder de deixar viver ou fazer morte. A relação entre vida e morte no poder soberano não tem nada de natural, e é desequilibrada. É simplesmente por exercer o poder de morte que o soberano tem poder sobre a vida dos súditos. “O efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar.” (FOUCAULT, 2005, p. 286).

No século XIX acontece uma transformação política que não substitui, mas complementa esse velho poder soberano, o penetra, o transforma, o modifica. Esse poder é exatamente o inverso. Enquanto na política clássica o direito do soberano era de fazer morrer ou deixar viver, esse novo poder é de “fazer” viver ou “deixar” morrer. Essa transformação no exercício do poder não aconteceu de repente, nem do nada, os filósofos nos séculos XVII e XVIII já começam a se manifestar em defesa da vida em contrapartida com a morte. Os protestos contra o suplício se espalham por toda parte, entre os juristas, os magistrados, os teóricos do direito e os legisladores no século XVIII. É preciso punir de outro jeito, é necessário leis universais, o suplício torna-se intolerável. (CF. FOUCAULT 2001).

Os juristas no século XVIII falam sobre o contrato social e a constituição do soberano. Constitui-se um soberano para poder viver, mas será que a vida poderia entrar como direito do soberano? Essa discussão de filosofia política mostra como a vida começa a

ser problematizado no campo do pensamento político. Foucault não segue o caminho da teoria política, mas dos mecanismos, das técnicas, das tecnologias de poder.

Nos séculos XVII e XVIII, viram-se aparecer técnicas de poder que eram essencialmente centradas no corpo, no corpo individual. Eram todos aqueles procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em série e em vigilância) e a organização em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade. Eram as técnicas pelas quais se incumbiam desses corpos, tentavam aumentar-lhes a força útil através do exercício, do treinamento, etc. Eram igualmente técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia, que podemos chamar de tecnologia disciplinar do trabalho. (FOUCAULT, 2005, p.288).

Essas técnicas de poder, que começam nos séculos XVII e XVIII, terão um campo de aplicação no início do século XIX. Nessa sociedade disciplinar temos a fabricação de corpos dóceis, do adestramento do corpo que visa à fabricação do sujeito ideal para a cultura capitalista, para a indústria. Um sujeito cujo corpo é disciplinado, transformado para executar tarefas com técnicas que ofereçam rapidez, eficiência e economia.

Uma “anatomia política”, que é igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. [...] a disciplina é uma anatomia política do detalhe. (FOUCAULT, 2008, p. 119-120).

O poder na sociedade disciplinar age sobre o corpo individualizado, adestrando-o para que cumpra uma série de ações que se deseja.

Outra sociedade que nasce resultante desse processo de transformação que passa o poder é a sociedade do controle em que o poder se exerce num regime aberto, com uso de tecnologias, vigilância e monitoramento constantes, porém, suaves e quase imperceptíveis, essa é a sociedade contemporânea.

Na sociedade do controle, o poder disciplinar transforma-se em biopoder e vislumbra não um indivíduo, mas o conjunto social, a sociedade como um todo é o alvo da ação do biopoder. O poder já não mais se exerce sobre o corpo individualizado, mas se direciona a vida, ao homem – espécie, ao homem enquanto ser. Com o biopoder nasce a biopolítica que está voltada para o campo das políticas públicas, do controle da

natalidade, mortalidade, saúde da população e longevidade. São esses processos, natalidade longevidade, juntamente com outros problemas políticos e econômicos que se constituíram como os primeiros objetos de saber e alvo de controle da biopolítica.

A produção das estatísticas era de fundamental importância para o mapeamento e controle da natalidade e também do problema da morbidade. A morbidade não como epidemias que exterminam a vida como era preocupação na Idade Média, mas as endemias e sua duração, natureza, extensão e intensidade de doenças numa população. Doenças difíceis de curar, endemias que causam morte mais frequente, porém com fatores permanentes que usurpam força, diminuem o tempo de trabalho e aumenta os custos econômicos em função dos tratamentos.

Surge a preocupação com “a doença como fenômeno de população: não mais como morte que se abate brutalmente sobre a vida – é a epidemia- a morte permanente, que se introduz sorrateiramente na vida, a corrói, a diminui e a enfraquece.” (FOUCAULT, 2005, p.291). Esses fenômenos que são levados em conta a partir do final do século XVIII conduzirão a medicina há maior função de higiene pública, a normalização do saber, a criação de organismos de coordenação para tratamentos médicos, a centralização das informações, que adquire aspecto de campanha de higiene e medicalização da população.

Ao campo da biopolítica estão associados processos políticos e econômicos com presença acentuada do capitalismo. Foucault (1997, p. 89) entende por biopolítica:

A maneira pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental, pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, raças.

O biopoder é importante para o capitalismo e também para outras formas de produção de riqueza, pois ao exercer o controle sobre o corpo vivo social pode ajustá-lo ao modelo desejado. A ação de governo voltada para a população, para o controle tinha no mercado uma espécie de “medidor”, um lugar privilegiado para se testar o governo, seus efeitos e seus excessos. É do Estado que provem os sistemas de controle pelo biopoder, tendo como foco a população. Essa nova forma de domínio sobre a vida exercida pelo Estado se configura em redes de saber/poder que submetem o sujeito a um conjunto de práticas ascéticas que visam o desenvolvimento do autocontrole pelo indivíduo, tornando-o o único responsável por doenças ou outros males que possa atingi-lo.

3. PRÁTICAS ASCÉTICAS NA CONTEMPORANEIDADE: A BIOASCESE

Na cultura moderna, veremos uma modificação quanto à prática ascética, na contemporaneidade o cuidado do corpo pelo corpo será emergente naquilo que se denomina de bioascese e essa configurar-se-á como práticas de “assujeitamento” e disciplinamento, conforme acentua Ortega (2008, p.20).

Enquanto nas asceses da Antiguidade, o *self* almejado pelas práticas de si representava freqüentemente um desafio aos modos de existência prescritos, uma forma de resistência cultural, uma vontade de demarcação, de singularidade, de alteridade, encontramos na maioria das práticas de bioascese uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando a procura da saúde e do corpo perfeito.

A ascese conforme Ortega (2005) implica em quatro tópicos gerais: a ascese é um processo de subjetivação; a ascese implica em delimitação e reestruturação das relações sociais; é um fenômeno político e social e, por último, a ascese está ligada a vontade.

O ascetismo é um fenômeno universal que se configura de diferentes formas conforme a cultura. Na ascese clássica a vontade está ligada à liberdade, nas modernas bioasceses a vontade não está a serviço da liberdade. Na modernidade a vontade “é uma vontade ressentida, serva da ciência, da causalidade, da necessidade, que constrange a liberdade de criação e elimina a espontaneidade” (ORTEGA, 2008, p. 22).

Ortega (2008) traz uma discussão interessante sobre a ascese contemporânea. Com base em Foucault, ele diferencia a ascese clássica que era uma prática de liberdade, uma prática moral e política, da ascese contemporânea que é apolítica, conformista e visa o ajuste à norma. Fazendo menção ao biopoder/biopolítica foucaultiana, Ortega apresenta a biossociabilidade, como noção-dispositivo para explicar o funcionamento da bioascese na atualidade:

A biossociabilidade é uma forma de sociabilidade apolítica constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo critérios de agrupamento tradicionais como raça, classe, estamento, orientação política, como acontecia com a biopolítica clássica, mas segundo critérios de saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade, entre outros. Uso o termo biossociabilidade para distingui-lo do biopoder clássico tal é descrito por Foucault. (ORTEGA, 2008, p. 30).

Enquanto que na biopolítica havia um vínculo com o fortalecimento do Estado, por meio da formação de um dispositivo médico-jurídico que buscava a medicalização da sociedade e o seu controle, sua normalização, tendo como critérios a sexualidade, a raça, a degenerescência, na biossociabilidade os critérios são outros. Aqui são o regime de tempo, as regras de higiene, a criação de modelos de sujeitos com base no desempenho físico que chega a constitui status “quase moral”.

A constituição do novo velho é um dos efeitos produzidos pela biossociabilidade. O idoso assume novo papel social por meio do seu enquadramento na normalização da sociedade, gerido por uma biopolítica da saúde e bem estar na velhice.

Atividade aeróbica, obter melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da aparência jovial é o fim a que se visa nas práticas bioascéticas modernas. É uma verdadeira ideologia e moralidade da saúde que emerge na contemporaneidade.

As modernas bioasceses reproduzem “os modos de subjetivação” inscritos nas biossociabilidades. Há o cuidado com a saúde, a higiene, o controle da dieta, o cuidado com o corpo e a estética que desembocam, segundo Ortega (2008), na construção de bioidentidades, na formação de sujeitos que se auto-vigiam, se auto-governam e se autocontrolam. Toda essa perícia, essas “técnicas de si” modernas, a que os sujeitos são expostos, tem o corpo seu lugar privilegiado de ação. “O eu que “se pericia” tem no corpo e no ato de se periciar a fonte básica de sua identidade” (ORTEGA, 2008, p. 32).

Na atualidade, “o discurso do risco” é um elemento estruturante para as biossociabilidades. A total transferência para o indivíduo da responsabilidade sobre sua vida, sua saúde, seu corpo, independentemente de questões genéticas, culturais, sociais, orienta o indivíduo a comportamentos, hábitos, estilos de vida em busca da saúde, do corpo perfeito e do afastamento dos riscos.

Nessa procura pelo auto-aperfeiçoamento individual, a vigoridade física, a juventude, a aparência corporal perfeita, como fica a imagem do corpo envelhecido? idosos, gordos, deficientes físicos são modelos de sujeitos que os indivíduos não querem para si, pois nessa cultura do corpo, do autocontrole, auto-governo, auto-vigilância, parecer velho é sinônimo de doença. A velhice é associada à dependência e por isso renegada nesse modelo de sociedade em que a ideologia cultua um indivíduo autônomo e auto-suficiente. Nessa feita, a relação velhice e corpo é possível a partir da adoção desse novo estilo de vida saudável e sem risco, apontado anteriormente.

A ênfase nesse indivíduo autônomo tira do Estado à responsabilidade de dá assistência e cuidar dos indivíduos. “O idoso se constitui como um indivíduo responsável e

autônomo capaz de cuidar de si. Aparece assim a figura do idoso “bom” e do idoso “mau”, este último sem competência para cuidar de si” (ORTEGA, 2008, p. 35).

Na modernidade, vemos uma mobilização constante de discursos e tecnologias convidando o sujeito a cuidar de sua saúde, de seu corpo, a buscar o corpo malhado perfeito, a seguir dieta X ou Y, a prolongar a juventude, a longevidade. Nessa teia de discursos das ideologias da saúde e do corpo perfeito vemos se configurar um novo modelo de idoso: o idoso ativo, apresentado como saudável, jovial, engajado, produtivo, autoconfiante e sexualmente ativo (ORTEGA, 2008). Esse modelo de idoso, o ativo, é emergente nas práticas discursivas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Regina Duarte Benevides; CASTRO, Adriana Miranda de. **Terceira idade: o discurso dos experts e a produção do “novo velho”**. Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento. Porto Alegre, v. 4, 20002, p. 113 – 124.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 2004.

DEBERT, Guita Grin. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. (org.) Myriam Moraes Lins de Barros. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-7982)**. Trad. Andéa Daher; consultoria Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zaher, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baêta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Vigiar e punir: historia da violencia nas prisões**. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed., Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.